

O MAL IN DEO¹: UMA LEITURA A PARTIR DO EXÍLIO BABILÔNICO

Douglas Pedrosa²

Resumo

Falar do Exílio sem antes senti-lo no coração parece não fazer muito sentido. Para aqueles que leem nas doces palavras de Milton Schwantes, que como lágrimas escorrem sobre o livro, conseguem se aproximar da dor, do sofrimento e da falta de Deus nas expressões do exilado. Esse artigo aborda a história do Exílio Babilônico em paralelo com a expressão usada pelo filósofo Adolphe Gesché: *O Mal in Deo*. Como compreender o Mal em Deus a partir do Exílio Babilônico? Sabe-se já que o Exílio Babilônico, ocorrido em três datas distintas (597, 587 e 582 a.C), foi um referencial que marcou a história de Israel. Ler o Exílio como um simples história narrada em um livro não é se entregar ao acontecido. Após a investigação da história e do Mal sofrido pelos israelitas do VI a.C, a tarefa final é propor uma pastoral que alcance os exilados na vida.

Palavras-chave: Exílio Babilônico. Devastação de Judá. Sofrimento. O Mal em Deus.

Pastoral para os exílios na vida.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem a intenção de analisar a perspectiva do mal in Deo a partir do Exílio Babilônico. Já se compreende que nenhum ser humano consegue dar conta do seu sofrimento, sem antes, tentar justificá-lo. Isso é chamado de teodiceia, de justificação, também entendido como a pergunta sobre Deus diante do sofrimento. O humano como é parte do divino é natural que haja uma interpelação ao criador por todos os sofrimentos na vida. Procurar-se-á entender o cerco de Jerusalém, a invasão, as deportações, a vida em Judá e a vida na Babilônia.

A base histórica que será abordada, tem a intenção de tornar compreensível o que foi essa tensão vivenciada no século VI a.C. O cerco elaborado pela babilônia não pode passar despercebido na leitura do Exílio. O sofrimento tem início no cerco e não na

¹ Termo retirado da obra do filósofo Adolphe Gesché, no livro "O Mal".

² Graduando em Teologia na FABAT-RJ. douglaspedrosasf@maill.com

invasão, pois a estratégia do cerco já era uma opressão. Com o cerco, havia falta de alimentação, temor que, a qualquer momento, a cidade Santa poderia ser tomada. A interpelação por Deus e as perguntas não nascem durante as deportações, mas já no cerco de Jerusalém.

É fato que alguns detalhes históricos são polarizados. Procurar-se-á entender a vida dos camponeses ('Am ha-arets), ou seja, aqueles que ficam na terra. Os *da terra* são os que não têm um conhecimento elevado, não fazem parte da elite de Judá e após as invasões ficam num local desurbanizado, o qual se tornara Jerusalém. Porém, pelo que parece, os deportados para a Babilônia sofrem um pouco menos no tocante a vida urbanizada. Na Babilônia vivem em colônia, o que facilitou a preservação e a mudança do que posteriormente foi chamado de judaísmo.

Na seguinte abordagem, a proposta será expor o sentimento de quem sofreu a dor do cerco e das invasões do Exílio. Com toda essa surpresa da separação, da destruição do palácio, da queda do templo, como se encontrava o povo escolhido? Nesse momento, como em todo o momento de dor, não importa se a pessoa é um camponês ou um elitizado, certamente a inquietação causada pela dor instalou no coração de todos. Ainda tratando do sentimento perceberá que diante das calamidades a pergunta sempre respinga em Deus e, com base nas palavras de Adolphe Gesché, será desenvolvido um apoio aos que sofrem e que esses tem todo o direito de interpelarem ao seu criador. No decorrer do caminhar em sofrimento já não se via mais outra pergunta que não fosse sobre Deus e para Deus.

Na expectativa de realizar um trabalho que coopere não somente para academia, mas também para o espaço eclesial, a pesquisa se conclui numa perspectiva pastoral. Exilados na Babilônia ou abandonados em Judá, era mais fácil pensar em desanimar do que crer em alguma saída. O que o Exílio deixou foi um total desespero, sofrimento e a morte instalada na vida. E mesmo que a resposta encontrada para abafar toda essa dor foi que esse luto é consequência do pecado, havia, pois, pessoas que balbuciavam a palavra esperança. O profetismo encontrou espaço na Babilônia para gerar no coração dos deportados esperança, é mais urgente que o profetismo retorne em nossos dias. Uma proposta onde a pastoral fuja da necessidade extrema da ortodoxia e abraça calorosamente a ortopraxia!

1. A HISTÓRIA DO DESASTRE

Procurar-se-á delimitar o resumo do desastre que marcou a história de um povo. Porém, antes de discorrer a história do Exílio de Judá em si, é preciso expor como pano de fundo a época e os grandes impérios que reinavam no século VI a.C. Após os babilônios terem conseguido a liberdade total do Império Assírio, Nabopolassar, que se tornou rei em 626 a.C, com um governo proeminente conquista a cidade de Nipur e expulsa os Assírios para o Norte. Passado alguns anos, Nabucodonosor casa-se com a filha de um grande aliado medo da Babilônia. Após essa forte aliança, o número de conquistas do Império Babilônico aumenta e o império vai a cada tempo se consolidando e ganhando espaço, com isso Nínive é conquistada, as ameaças egípcias são abafadas e as terras de Judá são invadidas, tornando o rei Joaquim sujeito a Nabucodonosor.

A presença do exército Babilônico vivendo na Palestina trouxe muitas dificuldades à população local, a ocupação e o sítio mostram que o exército invade, priva, destrói e mata. As escavações arqueológicas nos locais de Jerusalém mostram que poucos locais escapam a destruição. As escavações de Jerusalém mostram antiga cidade de Jebusita e a cidade de Davi como ela fora destruída: os muros, as casas e o templo. Estes mesmos que foram reparados depois por Neemias.³

Houve uma total desolação. O povo clamava, chorava, sofria. Todo esse evento surpreendente se tornou um marco na História de Israel e também da sua religião.

Com a morte de seu pai (15-16/08/605), Nabucodonosor é coroado rei na Babilônia. Jeoaquim concordou em ser seu vassalo por três anos (2Rs 24.1). Em 601 a.C... Nabucodonosor assedia Jerusalém, que se rende em 15-16 de março de 597 a.C.⁴ No lugar de Joaquim colocaram Matanias ou Zedequias, esse foi o último rei em Jerusalém e os exilados da Babilônia não o reconheceram como rei. Por Zedequias ter suspenso o tributo, gerou uma consequência de mais uma leva de pessoas para Babilônia. Os exércitos babilônios regressaram para subjugar os insubmissos. Dessa vez há resistência até o fim. Após longo sítio, enfim abre-se uma brecha no muro. Jerusalém é conquistada em 587.⁵ Por fim, a última leva de israelitas aconteceu em 582 a.C. Todos que foram atingidos pelo Exílio, ainda no primeiro momento do acontecido, tinham uma esperança de reencontro com aqueles que amavam, um encontro com a restauração e conseqüentemente um reencontro com Deus. Na narrativa histórica do

³ D. SOTELO, *O Exílio: Teologia da Retribuição e a esperança do retorno*, p. 12

⁴ <http://www.cursosrota66.com/?pag=artigo&option=visualiza®istro=5#.Vd2-wON5CSc>

⁵ M. Schwantes. *Sufrimento e esperança no exílio*, p. 20.

Exílio, percebe-se que há grupos distintos: aqueles que foram para a Babilônia, aqueles que ficaram em Judá e os que se refugiaram em Amon, Moab, Edom e um número expressivo no Egito. Não se pode enfatizar o sofrimento além da realidade, mas perder a identidade, se ver diante de sérios problemas sociais, históricos e teológicos não era nada fácil para o camponês e também para o exilado. Não há mais Lei, a dinastia de Davi acabara de cair, o Templo no chão, a capital queimada. Desapareceu o culto, o sacerdócio, as instituições sagradas, a liturgia, os símbolos, as tradições. Acabou o significado dessas coisas. A verdade, transmitida pelas imperiosas considerações de John Brighth é que, qualquer que fosse o seu futuro, não haveria a possibilidade de uma volta completa ao padrão do passado.⁶ E agora? Um povo eleito?

Em meio a todo esse sofrimento, nas escalas reais da Babilônia havia governadores que não se importavam muito com os povos presente no seu reinado, mas há outros como Amel-Marduk que durante o seu governo aliviou um pouco e conseqüentemente beneficiou os israelitas. Os sofridos de Judá, agora exilados numa terra muito distante da sua, recebem uma opção que parecia provisória, mas que perdurou enquanto viveram na Babilônia. Viver, morar em colônias (numa espécie de confinamento) era um refrigério para as suas almas. Embora vivendo em uma terra estranha, sofrendo pela distância de tudo que consideravam como preciosidades, isto é, o templo e talvez alguns familiares, eles recebem uma leve dose de conforto: viver em colônia. Essa união na moradia resignificou muitas coisas, certamente a partir desse momento os israelitas e posteriormente os judeus não seriam o mesmo.

2. O SENTIMENTO DO EXÍLIO: MORTE

Para uma percepção mais clara de tudo o que passou um israelita, observa-se a estrutura de textos organizada por Francisco Orofino:

-- Tornou-se viúva a primeira entre as nações (1,1).

--Os caminhos de Sião estão de luto, ninguém vem às suas festas (1,4)

-- Os pagãos entraram no santuário e saquearam (1,10).

⁶ J. BRIGHTH, *História de Israel*, p. 416.

- Javé me castigou no dia do incêndio da sua ira (1,12).
- Meus sacerdotes e anciãos morreram na cidade (1,19).
- Os inimigos souberam e se alegraram de minha desgraça que tu mesmo executaste (1,21).
- O Senhor se comportou como inimigo, destruindo Israel (2,5).
- O Senhor se esqueceu de festas e sábados... rejeitou rei e sacerdote (2,6).
- O rei e os príncipes estão entre pagãos: não há! E seus profetas já não recebem visão de Javé (2,9).
- Por mais que eu grite por socorro ele abafa minha oração. Murou meus caminhos com pedras lavradas, obstruiu minhas veredas (3,8-9).⁷

Num primeiro instante, para o israelita era conflitante olhar para 20 anos atrás e analisar que a reforma de Josias prometia e mostrava um reino em expansão; certo que a que o povo caminhava no melhor caminho a ser trilhado. Porém, no momento se encontra mergulhado nas dores, nos choros e nos lamentos. Isso resultou em voltar para adoração e cultos antigos. Os israelitas ficaram cegos. Os sentimentos agora... eram de raiva, desespero, frustração, indignação, vingança, ajuste de contas.⁸

3. O MAL EM DEUS

Era natural a pergunta e o questionamento sobre Deus. Agora, tanto para os que saíram de Judá quanto para os que ficaram não havia mais a oportunidade de oferecer sacrifícios. A situação de vida era totalmente precária para os que ficaram, havia necessidade de alimentos. A fome bate a porta das casas e invade trazendo desespero total. Não há como pensar em outra coisa nesse momento a não ser crise, perguntas e se render ao choro. Era quase que um pesadelo para *os da terra*; a destruição do templo, as ruínas visíveis, os muros abaixo. O sofrimento não para, o mal continua invadindo as suas famílias, segundo as palavras de Fohrer é perceptível tudo aquilo que viveu um israelita do século VI a.C, vejamos:

⁷ F. OROFINO, *Criatividade na crise*, In: *Estudos Bíblicos*. pp 37-45.

⁸ Idem.

Naturalmente a condição de vida era miserável: insuficiência de víveres (Lm 1.11), canibalismo (2.20; 4.10); sofrimento das crianças (2:11-12,19), violência de mulheres (5.11); assassinio de sacerdotes e profetas (2.20); enforcamento de homens respeitáveis e degradação de anciãos (5.12).⁹

Não sendo diferente de qualquer acontecimento trágico, apareceram as perguntas e os por quês dessa catástrofe. É certo que, num primeiro momento, tanto os deportados como os que ficaram em Judá, fizeram tentativas de dar resposta a esse sofrimento e não foi unânime a decisão. Houve divisão de opinião, e variadas, como comenta Fohrer:

Muitos julgaram que a maneira pela qual Josias executou a reforma deuteronomica fora errada e tinha encolerizado os outros deuses; isso significa um retorno a outros cultos. Outros viram na catástrofe o julgamento de Iahweh, com o que os grandes profetas individuais tinham ameaçados e se consideravam ainda enredados na culpa, porque, depois da morte de Josias, o povo e o Estado tinham, uma vez mais, se afastado de Iahweh para outros cultos. Outros ainda duvidavam se Iahweh realmente existia.¹⁰

Para as pessoas que experimentaram e vivenciaram a fome, a guerra, a destruição, a desurbanização e a morte não seria difícil à afirmativa que Deus não existisse.

Não se pode excluir Deus dessa catástrofe. Talvez, a primeira pergunta diante do mal seja direcionada a Deus. Luiz Alberto Teixeira Sayão citando o biblista Australiano, Francis I. Andersen, diz que a desgraça humana, ou o mal em todas as suas formas, é um problema somente para a pessoa que crê num Deus único, onipotente e todo amoroso.¹¹ Essa era a crença de boa parte dos israelitas, pelo menos até o acontecido inesperado. Não há erro em interpelar Deus diante do mal. O mal é coisa de Deus, certamente pensava um israelita. Conquanto, se o mal é coisa de Deus, como não interpela-Lo? Já não basta sofrer o resultado de perder tudo e quase todos e ainda somando-se a isso, não ter o direito de poder dirigir a Deus a minha pergunta e o meu questionamento? E que divindade era Javé, se mostrou-se incapaz de defender e preservar o povo escolhido? O que sobra de uma Aliança rompida¹². Portanto se o mal é uma questão divina é impossível que Deus não se envolva com o mal de alguma maneira (não necessariamente na origem do Mal). Há muitas teodiceias que propõem fortemente a aversão de Deus ao Mal. Para o exilado, como foi abordado acima, a questão do mal influenciou diretamente na sua forma de caminhar e na sua religião. Para aqueles que afirmavam que com esse evento Deus não existia foram de encontro

⁹ G. FOHRER, *História da religião de Israel*, p. 400.

¹⁰ G. FOHRER, *História da religião de Israel*, p. 401.

¹¹ <http://jesushistoricomessias.blogspot.com.br/2015/06/se-deus-e-bom-por-que-existe-o-mal.html>

¹² F. OROFINO, *Criatividade na crise*, In: *Estudos Bíblicos*. pp 37-45.

com os que acreditavam que de Deus presenciara toda essa desgraça. Por isso Ele existe! Disse Adolphe Gesché: concluir a partir do mal a não-existência de Deus não é, de certo modo, pressupor sua existência?¹³

CONCLUSÃO

O Exílio jamais sairia da mente daqueles que o vivenciaram. O Exílio marcaria as gerações vindouras. Jerusalém incendiada! É preciso repensar a vida, repensar a história e muito mais repensar Deus. Para compreender a dor é preciso entender que ter o Templo destruído pela Babilônia era natural pensar que Marduk venceu Javé; não se aceitava um Deus sem casa. Procura-se, na conclusão e propositalmente na conclusão, uma preocupação em acompanhar as pessoas nos atuais exílios da vida, entendendo também que a partir dos discursos dos profetas surge uma intenção de levar e provocar esperança para os deportados. O lema do profetismo na Babilônia é que ainda há esperança. Nos exílios da vida onde estão os profetas para proclamarem que há salvação e uma promessa de libertação? Onde estão os profetas, como Ezequiel, valorizando a vida como um novo templo e morada de Deus?

O problema da pastoral atual não é a afirmativa de que o pecado tem relação com o sofrimento, mas desvalorizar as pessoas que são oprimidas pelas estruturas pecaminosas. Portanto, o que se precisa não é de uma pastoral bem elaborada nos livros como uma ortodoxia, mas antes uma ortopraxia. Uma dor que não motive ao falar, mas ao agir, mesmo em silêncio. Motivação essa que impulse a uma práxis. A uma aproximação dos que sofrem. A uma permissão que o Exílio dele também seja o meu!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOTELO, D. *O Exílio: Teologia da Retribuição e a esperança do retorno*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.
<http://www.cursosrota66.com/?pag=artigo&option=visualiza®istro=5#.Vd2-wON5CSc>.

¹³ A. GESCHÉ, *O Mal*, p.15.

Schwantes, M. *Sufrimento e esperança no exílio*, São Leopoldo: Oikos, 2009.

BRIGTH, J. *História de Israel*, São Paulo: Paulus, 2003.

FRANCISCO O., Criatividade na crise, *In: Estudos Bíblicos*, 42 (1994): 37-45.

FOHRER, G. *História da religião de Israel*, São Paulo: Ed. Academia Cristã/Paulus, 2012.

<http://jesushistoricomessias.blogspot.com.br/2015/06/se-deus-e-bom-por-que-existe-o-mal.html>.

GESCHÉ, A. *O Mal*, São Paulo: Paulinas, 2003.